

## EDUCAÇÃO E SOCIALISMO

Décio Azevedo Marques de Saes\*

O objeto de nossa análise, neste texto, é o papel da educação escolar na sociedade socialista. Devemos começar tal análise caracterizando a educação na sociedade que precede historicamente o modelo socialista de sociedade: isto é, a sociedade capitalista. A seguir, procuraremos estabelecer o contraste entre os papéis desempenhados pela educação num e noutro modelo de sociedade.

É visível o paradoxo educacional do capitalismo. De um lado, a ideologia escolar tem uma presença bastante ativa na vida social; de outro lado, a educação escolar tem reduzida importância para boa parte dos grupos sociais característicos da sociedade capitalista. Nos anos 70, a escola foi alvo de ataques partidos da intelectualidade anarquista, liberal ou anarco-liberal; e o exemplo mais conspícuo desse tipo de ataque se encontra na obra de Ivan Illich. Tais ataques não conquistaram, contudo, o apoio de nenhum grupo social fundamental: a burguesia, os trabalhadores manuais, a classe média. Conseqüentemente, a ideologia escolar continuou a ter presença ativa na vida social; bem como ampla difusão na mídia, onde se banalizou, durante as últimas décadas, a abordagem de questões cruciais da educação escolar, como o exame vestibular, os cursos supletivos e a educação de adultos.

É importante notar que, na era das políticas estatais de orientação neoliberal, o argumento de que a educação escolar é essencial para o desenvolvimento da sociedade tende a ser acionado, de modo particularmente intenso, para explicar os fracassos registrados noutros domínios da política estatal: crescimento econômico, emprego, distribuição de renda, saúde, etc.. Mais especificamente: as carências específicas da educação escolar, suscetíveis de serem atribuídas ao subdesenvolvimento cultural, tendem a ser taticamente apontadas, pelos próprios setores que dirigem o Estado, como o fator que explica *qualquer* fracasso da política estatal de orientação neoliberal. Nesse caso extremo, também se evidencia, ainda que de modo indireto e negativo, a relevância da ideologia escolar dentro da sociedade capitalista, em sua fase atual.

---

\* Professor titular da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP)

No entanto, a despeito de a ideologia escolar se mostrar resistente e operante, os grupos sociais fundamentais da sociedade capitalista tendem a *relativizar* – para dizer o mínimo - a importância da educação escolar no que diz respeito à sua própria reprodução material e social. Pesquisas empíricas <sup>1</sup> revelam, por exemplo, que os pais empresários projetam para os seus filhos, basicamente, uma “educação no canteiro de obras”, isto é, dentro da empresa familiar. Esses pais atribuem à educação obtida nos níveis médio e superior um caráter subsidiário e secundário. Por isso, aceitam ou mesmo chegam a preferir o ensino superior privado, onde os seus filhos poderão desenvolver uma rede de relações sociais que serão úteis na vida empresarial. Já os trabalhadores manuais sabem que uma instrução rudimentar – ou seja, ler, escrever e contar - é importante para que os seus filhos tenham acesso ao mercado de trabalho, ou mesmo a um trabalho informal. Porém, pressionados pelos elevados custos indiretos da escolarização <sup>2</sup> (que equivalem ao montante de renda que a família trabalhadora perde mantendo os seus filhos na escola), os pais trabalhadores tendem a relativizar a importância da conclusão do ensino fundamental; e assumem uma postura fatalista, quando os seus filhos de 12, 13 ou 14 anos revelam a disposição de desempenhar algum trabalho informal ou eventual. Como o empresariado, também os trabalhadores manuais valorizam uma educação “no canteiro de obras”, de cunho extra-escolar; até por saberem (ou intuírem) que o trabalhador manual com formação profissional ampla só é requerido por uma parcela muito reduzida do setor empresarial. Na prática, o proletariado desconfia do apelo tecnocrático para que “todos” obtenham uma “formação polivalente”; e percebe que o aparelho produtivo do capitalismo pede à maioria dos trabalhadores não somente a capacidade adaptativa de passar rapidamente, no “canteiro de obras”, de uma tarefa limitada para outra tarefa limitada.

Na verdade, a classe média é o grupo social que investe proporcionalmente mais esforços e mais recursos materiais ou financeiros em educação escolar. E isso ocorre porque a classe

---

<sup>1</sup> Referimo-nos aqui aos materiais apresentados em diferentes artigos de Maria Alice Nogueira / Geraldo Romanelli / Nadir Zago (org.), *Família & Escola/ trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*, Editora Vozes, Petrópolis, 2000; e de Ana Maria F. Almeida e Maria Alice Nogueira (org.), *A escolarização das elites*, Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

<sup>2</sup> - Esse conceito é apresentado por Luiz Antonio Cunha em *Educação e desenvolvimento social*, Ed. Francisco Alves, RJ, 1978, 3ª edição. Ver especialmente o capítulo 3, “A escolarização desigual”.

média é o único grupo social cuja trajetória sócio-profissional depende estreitamente da trajetória escolar. Os pais de classe média buscam reproduzir no tempo histórico a sua situação social através dos filhos, bem como manter os seus filhos alocados nos postos não-manuais – ou mais especificamente intelectuais - da divisão capitalista do trabalho. Para que isso se realize, eles deverão fazer com que os seus filhos tenham acesso aos conhecimentos científicos e ao acervo cultural propiciados pela educação escolar ao longo dos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior). O desempenho de um trabalho não-manual (isto é, uma atividade mental de caráter reiterativo e não-inovador) ou de um trabalho mais especificamente intelectual (isto é, uma atividade mental com caráter inovador ou criador) exige conhecimentos teóricos e elementos culturais que a escola ministra de modo organizado, sistemático e planejado. Por isso, a classe média está organicamente comprometida com a educação escolar.

É por essa razão sociológica que as aspirações educacionais da classe média são sempre crescentes. Ou seja: esse grupo social tem reivindicado sucessivamente, para os seus filhos, a chance de completar o ensino médio, o ensino superior de graduação e, finalmente (tendência mais recente), o ensino superior de pós-graduação. Agregada à pressão educacional exercida por um setor minoritário das classes trabalhadoras manuais (que teve condições de tomar a situação de classe média como exemplo e de alçá-la à condição de ideal), a pressão da classe média por uma ampliação da oferta de vagas no ensino superior acaba levando à diplomação de um número muito maior de profissionais do ensino superior que aquele suscetível de ser absorvido pelo mercado e pelo Estado.

As expectativas sócio-profissionais da classe média fazem portanto com que o sistema educacional dos países capitalistas tenda regularmente a produzir a sobrequalificação. Esse fenômeno, que resulta da pressão educacional da classe média e não de qualquer intenção do empresariado, acaba no entanto sendo absorvido pelo sistema capitalista, sob a forma da degradação dos diplomas do ensino superior e do rebaixamento do seu valor através da inserção dos seus portadores em níveis ocupacionais que anteriormente dispensavam tais diplomas.

Educação escolar e socialismo

A sociedade socialista terá obviamente muitas tarefas a cumprir no terreno geral da educação das massas. No terreno específico da educação escolar, impor-se-á a reversão radical do quadro legado pela sociedade capitalista. E reverter esse quadro significa antes de mais nada superar historicamente a perspectiva da classe média, predominante na moldagem do sistema escolar capitalista. Convém insistir em que esse processo de transformação educacional é um processo de superação histórica, e não de destruição. A superação é um movimento transformador que implica ao mesmo tempo conservação e destruição. Ora, a superação histórica do sistema educacional capitalista, moldado pelas expectativas e aspirações da classe média, exige em primeiro lugar a conservação, *por extensão ao conjunto da sociedade*, da inclinação positiva da classe média à conquista do saber historicamente acumulado, do conhecimento científico já consolidado, independentemente da época histórica e da sociedade de classes em que foi gerado, e do patrimônio cultural da humanidade (produtos culturais que se mostram superiores ao quadro social em que foram gerados, do Código de Hamurabi à dramaturgia de Shakespeare).

Caberá, portanto, à sociedade socialista proletarizar a educação escolar. Mas atenção: “proletarização” não significa, aqui, a substituição do estoque de conhecimentos científicos e dos elementos culturais, historicamente acumulados, por uma suposta cultura popular, alternativa à cultura de todas as classes dominantes do passado. A proletarização da educação escolar no socialismo consiste em fazer com que o conjunto da sociedade – isto é, as massas trabalhadoras – tenham de fato acesso à ciência e à cultura, rompendo assim o monopólio exercido pela classe média sobre ambas.

A superação histórica do sistema escolar capitalista implica em segundo lugar a ruptura com a ideologia pequeno-burguesa do conhecimento, que comanda, nas sociedades capitalistas, a transmissão do saber científico e da cultura, historicamente acumulados, à clientela escolar, seja qual for a origem de classe desta. Em que consiste tal forma ideológica? Ela consiste em tentar tratar toda prática teórica numa perspectiva teoricista e elitista, o que resulta em negar os vínculos existentes, em vários níveis, entre a elaboração teórica e a prática social. O primeiro vínculo negado pela ideologia pequeno-burguesa do conhecimento é a conexão, que deve se aprofundar no socialismo mas que já existe em

sociedades historicamente anteriores , entre pesquisa científica e prática social , no terreno da elaboração do conhecimento científico . Ou seja: são questões práticas que levam ao desenvolvimento da teoria. Por exemplo: foram as necessidades práticas da agricultura antiga que levaram ao desenvolvimento da astronomia.

O segundo vínculo existente entre a elaboração teórica e a prática social, negado pela ideologia pequeno-burguesa do conhecimento, aparece claramente quando se confere à abordagem de exemplos práticos um papel central no processo de transmissão de qualquer conhecimento teórico . Esse papel é reconhecido quando são exibidas as raízes práticas e sociais das grandes descobertas científicas e das grandes elaborações culturais; e quando são apresentadas as implicações práticas e sociais dessas descobertas e elaborações.

O terceiro vínculo negado pela ideologia pequeno-burguesa do conhecimento equivale à busca expressa, por parte do educador, da utilidade social dos conhecimentos científicos e das construções culturais; ou seja, ao reconhecimento de que a teoria deverá ter alguma aplicação prática, caso contrário ela se reduzirá a nada.

A educação escolar socialista terá, portanto de romper com o teorismo pequeno- burguês , imperante na educação escolar capitalista ; e deverá tratar em termos dialéticos a relação entre conhecimento e prática social , atraindo por essa via as massas trabalhadoras para a dinâmica da vida escolar .

Vejamos agora um outro aspecto do processo de superação histórica do sistema escolar capitalista. A sociedade socialista deve promover também a superação histórica do padrão de oferta da educação escolar, projetado pela classe média dentro da sociedade capitalista. Em que consiste tal superação? Em praticamente todas as sociedades capitalistas, a Constituição prescreve a obrigatoriedade do ensino fundamental; obrigatoriedade essa que vincula civilmente os pais e politicamente o Estado (para não falarmos da obrigação moral que a sociedade faz pesar sobre as próprias crianças) . Ora, a classe média, na sua luta ideológica pela construção do Mito da Escola Única e pela concretização do modelo institucional que possibilita a operação desse Mito (isto é, o ensino elementar público, gratuito e obrigatório), torna-se o principal sustentáculo social do princípio da obrigatoriedade da educação escolar elementar. Mas, para que esse princípio se concretizasse , não bastaria que a classe média induzisse os seus filhos a integralizar a educação fundamental . Seria também necessário que a maioria da sociedade - os

trabalhadores manuais - assumisse esse mesmo compromisso . Já vimos porém que os trabalhadores manuais não se dispõem a colocar o preceito constitucional da obrigatoriedade da escolarização elementar acima das necessidades imediatas do processo de reprodução material das suas famílias . Os trabalhadores manuais são sempre pressionados pelos altos custos indiretos da escolarização; e se sentem desestimulados no plano da educação escolar, por sentirem que essa escola “não foi feita para eles e para os seus filhos, e sim para os outros” ( ou seja : para um aluno ideal com perfil de classe média ) . Podemos deduzir facilmente os resultados desse quadro motivacional: a obrigatoriedade do ensino elementar não se cumprirá para a maioria da sociedade , e as crianças pobres tenderão à alta evasão escolar e às trajetórias escolares intermitentes .

Qual deverá ser a postura do Estado socialista diante do quadro educacional legado pelo Estado capitalista? Caberá à democracia socialista de massas fazer com que a obrigatoriedade da educação elementar deixe de ser uma ilusão, como no capitalismo, e se transforme numa realidade. Mas também faz parte do programa socialista o incentivo à educação não-escolar, a ser implementada em vários domínios da vida social , como as fábricas , os campos , os escritórios , os partidos políticos , etc.. A relação entre educação escolar e educação não escolar é sabidamente o ponto mais polêmico – e também o mais complexo – da teoria da educação socialista. Muitos intelectuais, pedagogos e militantes bolcheviques (de Bukharin a Blonski) sustentaram que a escola deveria ir se dissolvendo progressivamente no conjunto da vida social durante o processo de transição para o socialismo ; ou mesmo que a escola já não tinha razão de ser imediatamente após a Revolução de Outubro<sup>3</sup> . A nosso ver, a utopia de uma sociedade socialista sem escolas não se sustenta teoricamente, já que ela pode “libertar o indivíduo da opressão escolar” , mas traz dificuldades para o processo de construção de uma democracia socialista de massas . O Estado socialista em construção não pode contar com uma “explosão educacional” nas bases da sociedade socialista ( fábricas , campos , etc. ) . Por isso , independentemente de tal explosão ocorrer ( e ela pode não ocorrer , pelo menos no curto prazo ), o aparelho de

---

<sup>3</sup> - Sobre a presença da crítica à educação escolar em autores bolcheviques , consultar Georges Snyders , *Escola , classe e luta de classes* , Ed. Centauro , SP , s/d , 2ª edição , item “A morte da escola para Illich e para os pedagogos soviéticos da primeira geração” . Quanto a Bukharin: o prognóstico de que a escola desaparecerá, por perda de função, na sociedade comunista encontra-se no capítulo X do manual *ABC do comunismo* .

Estado socialista tem de concretizar a obrigatoriedade da educação escolar de base . A ação estatal nessa direção não visa mais , obviamente , realizar aqueles objetivos prescritos por Constituições ou Leis Orgânicas dos países capitalistas : a ) preparar os indivíduos para o trabalho ( isto é , qualificar minimamente a mão de obra a fim de submetê-la ao poder do Capital ) ; b) preparar os indivíduos para o exercício da cidadania , definida em registro liberal ( isto é , converter os indivíduos em seres politicamente passivos e apáticos , que de 4 em 4 anos participam do chamado “plebiscito eleitoral”) . O Estado socialista visa, ao impor a obrigatoriedade da educação escolar de base, concretizar dois objetivos , um de longo prazo e outro imediato . O objetivo de longo prazo se relaciona com a meta da construção de uma sociedade comunista: ele consiste em criar de modo sistemático, organizado e não-espontâneo as condições intelectuais e culturais mínimas, necessárias ao pleno desenvolvimento das múltiplas potencialidades individuais e à superação das estratégias capitalistas de afunilamento e unidimensionalização da formação dos indivíduos. O objetivo imediato consiste em transmitir às massas os conhecimentos científicos, a cultura e a formação política, absolutamente indispensáveis para que os trabalhadores possam assumir de fato – bem além de um conselhismo meramente formal - a iniciativa na gestão do aparelho econômico ( produção , distribuição ) ; bem como participar de fato da gestão do Estado , reduzindo ( embora não eliminando ) o papel e as prerrogativas da burocracia estatal .

Portanto,, a imposição da obrigatoriedade da educação escolar de base na sociedade socialista visa , em termos imediatos , a construção de um aparelho econômico efetivamente socializado e de uma democracia de massas ; e , no longo prazo , o desenvolvimento integral das potencialidades individuais , sem o qual a meta da passagem ao comunismo não pode se concretizar . No terreno educacional, os socialistas marxistas não devem ceder à pressão ideológica exercida por correntes anarquistas e anarco-liberais , para as quais uma sociedade pós-capitalista deveria respeitar o direito da criança a estudar ou não estudar e , assim procedendo , libertar a criança da opressão educacional exercida pelo Estado . A esse respeito, fazemos nossas as formulações do pedagogo e reformador soviético Makarenko , obrigado a conviver , na Colônia Gorki ( por ele dirigida ) , com pedagogos de orientação visivelmente anarquista . Para Makarenko , enquanto a sociedade pós-revolucionária não se convertesse num coletivo de fato socialista , o educador teria o

direito de obrigar os indivíduos a se educarem . Nessa fase de transição, a instrução não poderia reverenciar os interesses e as disposições da criança, tais quais elas se apresentam no ponto de partida do processo educacional. E isto porque a educação socialista não teria apenas a função social de desenvolver a personalidade individual, mas também a função histórica de contribuir para a construção de um novo coletivo: a comunidade socialista <sup>4</sup>.

Para que se fundamente de modo mais compreensível o caráter impositivo da educação escolar socialista, é conveniente mencionar passando a um nível mais abrangente de análise , o caráter impositivo da política do Estado socialista . Seria um erro teórico e político qualificar essa forma histórica de Estado como uma modalidade de Estado liberal, mas com “o sinal de classe trocado”: não mais um Estado liberal burguês, e sim um Estado liberal proletário. No desempenho de sua função histórica de preparar a desapareição de toda organização política coercitiva e separada da maioria social, bem como de suprimir toda hierarquização dos grupos sócio-profissionais, o Estado socialista deve cumprir tarefas de grande envergadura.

Em primeiro lugar, o novo aparelho de Estado, sob a direção das vanguardas socialistas, deve assegurar a continuidade da educação socialista, em termos científicos e culturais, com a educação das épocas anteriores, especialmente a da época burguesa. Ao mesmo tempo, o Estado socialista deve levar o novo sistema educacional à ruptura ideológica com os padrões educacionais historicamente anteriores , especialmente o padrão educacional burguês . Cabe finalmente à democracia socialista de massas estender a educação a todos os trabalhadores, inclusive às massas atrasadas, eventualmente ainda envolvidas no pragmatismo e na indefinição estratégica que a sociedade capitalista impõe aos trabalhadores no plano educacional .

Em segundo lugar, cabe ao Estado socialista assumir o papel histórico de indutor do desenvolvimento econômico socialista. Para tanto, terá de definir a direção desse desenvolvimento: modelo de industrialização, modelo agrícola, política ambiental, modo de inserção na economia mundial etc.. E cumprir essa tarefa implica desenvolver uma ação de planejamento econômico e realizar uma política de investimento público que fixem conjuntamente balizas para o desenvolvimento progressivo de um setor econômico

---

<sup>4</sup> - Ver A.S. Makarenko, *Poema Pedagógico*, volume I, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989, 3ª edição.

estruturado pela propriedade social de caráter público e não-estatal (isto é, um setor econômico de caráter autogestionário).

O crescimento progressivo do setor econômico autogestionário é a base do processo de desestatização, também progressivo, do conjunto da economia e da sociedade socialistas. É uma ilusão, porém, pensar que, sem o incentivo e a indução do Estado socialista, o setor autogestionário poderá se desenvolver e se fortalecer. Caso o planejamento econômico estatal não fixe balizas para as atividades do setor econômico autogestionário, a autogestão dificilmente levará ao socialismo. À falta de tais balizas, corre-se o risco de que a autogestão resulte numa radical corporativização da gestão econômica das empresas; corporativização essa que poderá abrir o caminho para a restauração do capitalismo. Todo Estado socialista tem, na verdade, de apresentar duas características centrais; caso contrário, ele não será um Estado socialista. Em primeiro lugar, tal Estado é uma democracia de massas; vale dizer, um aparelho estatal gerido pelas vanguardas socialistas ligadas às massas e sujeito a um controle permanente exercido pelas massas. Em segundo lugar, o Estado socialista é um Estado desenvolvimentista e intervencionista, em nada aparentado a um Estado liberal com “sinal de classe trocado”.

#### A educação escolar socialista e a criação do novo homem

Como afirmamos anteriormente, o objetivo de longo prazo de toda a educação socialista - e portanto também da educação escolar socialista - é a criação do *novo homem*. Qual será a contribuição da educação escolar socialista a esse processo? Liminarmente, reconhece-se que a escola socialista deve propiciar a todos os indivíduos conhecimentos científicos, elementos culturais e formação política necessários para que cada um se converta num homem permanentemente político; isto é, num ser que faz da política uma dimensão fundamental - e não, ocasional e intermitente - de toda sua atividade social. A escola socialista não pode contribuir para a formação de cidadãos liberais; isto é, para a criação de seres ocasionalmente políticos, que usam de tempos em tempos o boletim de voto e depois se retiram para a privacidade do lar ou se refugiam numa esfera do trabalho já previamente despolitizada. O papel político da escola socialista é fazer germinar nos indivíduos uma

disposição organicamente participacionista, que implica a consciência de que a participação política em todos os níveis ( empresa , localidade , aparelho central do Estado ) não é um direito individual da cidadania , que pode ser usado ou deixar de ser usado ; e sim a condição essencial para o funcionamento real da democracia de massas e , portanto , para a realização substantiva do projeto socialista .

A educação política socialista consiste, portanto, em fazer ver aos indivíduos que a participação política pode propiciar grande satisfação psicológica e intelectual a cada um; e em demonstrar que a participação política é, em todos os casos, um *dever* socialista, cujo descumprimento terá como conseqüência a redução da comunidade socialista a uma mera forma sem conteúdo.

A escola socialista deve, porém, contribuir não só para a formação do homem político como também para a formação do homem trabalhador . Não insistiremos aqui sobre a justeza dos dois princípios da educação socialista, estabelecidos por Marx & Engels , reiterados por Lênin e confirmados desde então por todos os educadores marxistas : a) o princípio do compromisso da escola socialista com a *politecnia* ; isto é , com a transmissão , a todos , de uma formação técnica e científica capaz de lhes propiciar o pleno entendimento dos mais variados processos de produção de bens ; b) o princípio da integração efetiva entre escola e trabalho ; isto é , a articulação da atividade desenvolvida pelo aluno na esfera econômica e produtiva com os conhecimentos técnicos e científicos a ele ministrados na escola . A importância da politecnica e da integração entre escola e produção, como princípios da educação escolar socialista, está em que a sua aplicação almeja, não a criação do trabalhador *competente*, como no capitalismo ; e sim a criação do trabalhador *consciente* , capaz de assumir a direção do processo de produção , ocupando assim o lugar dos capitalistas e dos quadros dirigentes do Capital .

Com relação à formação do trabalhador no socialismo, queremos neste texto apenas complementar as teses de Marx & Engels, acima indicadas , com uma formulação diretamente sugerida pelos problemas concretos que emergiram nos processos históricos de construção de sociedades socialistas no século XX . A educação escolar socialista deve perseguir a politecnia; ela não pode porém abandonar o princípio da especialização profissional do trabalhador . É correto pensar que um Estado socialista deva atacar a divisão do trabalho dentro de cada unidade econômica (isto é, “a divisão do trabalho na

manufatura”); e que a democracia socialista de massas deva se empenhar na supressão da separação entre os que desempenham trabalhos de direção/concepção e os que desempenham trabalhos de execução , dentro de cada unidade de produção . Contudo, o Estado socialista, cuja ação econômica e administrativa se apóia solidamente nas conquistas técnicas legadas pelas épocas históricas anteriores e capazes de assegurar um maior domínio do homem sobre a natureza não pode se orientar pelo propósito de suprimir a divisão do trabalho na sociedade como um todo. Mais ainda: os dirigentes do Estado socialista não devem nutrir a ilusão de que seja possível fazê-lo. Caso as vanguardas socialistas tentem atribuir ao aparelho de Estado socialista a tarefa histórica de suprimir a diferenciação da atividade econômica (agricultura, indústria , serviços ; bem como os vários ramos dentro de cada um desses setores ) , elas se chocarão com a realidade e estarão condenadas ao fracasso político .

Se, como pensamos, a diferenciação da atividade econômica prosseguir no socialismo, a educação escolar socialista deverá, realisticamente , atuar sobre a formação do trabalhador em dupla direção : a) fornecer a cada trabalhador a formação geral que lhe confere maior domínio técnico e político sobre o processo de produção ; b) viabilizar a especialização profissional solicitada por cada um, supondo-se obviamente que essa alocação de indivíduos nas especialidades profissionais seja perfeitamente compatível com as necessidades coletivas . Em suma, a educação escolar socialista deve ter flexibilidade dialética suficiente para promover ao mesmo tempo a politecnia e a especialização profissional. Nesse quadro educacional, a politecnia tempera e relativiza a especialização profissional . Ou seja, ela impede que uma especialização profissional qualquer se eternize e se torne irreversível , convertendo-se numa espécie de *Destino* para cada indivíduo .

A ideologia burguesa do trabalho sustenta, através de seu representante máximo - Frederick Taylor , autor dos *Princípios de Administração Científica* -, a idéia de que as aptidões individuais são *irreversíveis* , pois elas derivam de uma distribuição cronicamente desigual de dotes naturais , como inteligência , habilidade manual , adaptabilidade , etc..Taylor não está apenas reiterando o velho preconceito burguês segundo o qual uns nasceram para pensar e outros nasceram para fazer esforço físico. Esse autor procura especificar ainda mais a influência do dom natural na formação de aptidões individuais irreversíveis. Ou seja: ele sustenta a existência, dentro do próprio mundo do trabalho, de

aptidões individuais diferenciadas, como as aptidões para uma ou outra tarefa integrante da linha de montagem industrial <sup>5</sup> .

A educação escolar socialista, ao reconhecer a necessidade da especialização profissional, deve, entretanto, condenar claramente a tese burguesa e taylorista da irreversibilidade das aptidões individuais ; bem como garantir a *reversibilidade* de tais aptidões . No terreno da formação para o trabalho, o socialismo deve garantir a todos os indivíduos a possibilidade de uma educação contínua, que pouco tenha a ver com a educação permanente prognosticada pelos tecnocratas do capitalismo. Se, para estes, a educação permanente aparece como uma exigência do “desenvolvimento econômico” (isto é, da economia capitalista) e preenche a função de requalificar sucessivamente a força de trabalho a fim de adaptá-la às novas tecnologias e às novas exigências do mercado de trabalho, no socialismo a educação contínua visa propiciar aos indivíduos uma grande mobilidade profissional, tendo em vista, porém outros objetivos. A saber: o objetivo de favorecer a realização da aspiração humana à diversificação das atividades; e o objetivo de combater a estagnação econômica, a burocratização, etc.. (ao perseguir este último objetivo, a educação contínua funciona como uma autêntica força produtiva socialista).

A educação escolar socialista deve, portanto, tornar possível que um operário fabril , ainda que bastante avançado numa carreira profissional específica , converta-se em professor de filosofia ; que um alto burocrata se metamorfoseie em marceneiro , etc. .

Este texto sobre a educação escolar socialista não pode se encerrar sem uma breve reflexão sobre a questão do enraizamento de cada indivíduo numa esfera de trabalho , numa esfera espacial e numa esfera social específicas . É sabido que os capitalistas jamais tiveram pruridos em desenraizar os trabalhadores; isto é, em deslocá-los de seu meio geográfico, cultural e até familiar, para submetê-los aos interesses do Capital Na atual fase do

---

<sup>5</sup> - Ver Frederick Winslow Tylor , *Princípios da Administração científica* , Ed. Atlas , SP , 1976 , 7ª edição . A idéia da irreversibilidade das aptidões individuais aparece em pequenos comentários de Taylor sobre o perfil dos operários que desempenham diferentes tarefas no processo de produção fabril . Tais comentários estão dispersos pelo conjunto dos capítulos, ao invés de se concentrarem num único capítulo, que seria eventualmente dedicado ao tema.

capitalismo – chamada por David Harvey de “fase da acumulação flexível”<sup>6</sup> - , essa postura empresarial se acentuou ; e o desenraizamento vem atingindo índices inauditos não só entre os trabalhadores manuais como também no seio da classe média alocada no setor terciário . Ora, uma reação ideológica possível ao desenraizamento promovido pelo Capital é a postura defensiva consistente em pregar a volta às raízes, defender o apego a pequenas comunidades e fazer a apologia da fixação durável do indivíduo num certo meio geográfico e cultural. Tal *reenraizamento* não pode, porém ser a base de um autêntico projeto socialista . É a desparoquialização – e não , a paroquialização – dos indivíduos que deve servir como mola propulsora do desenvolvimento socialista e da passagem ao comunismo . A mobilidade espacial e profissional , bem como a conseqüente renovação dos contatos culturais e sociais , devem constituir um caminho aberto a todos , embora não necessariamente seguido por todos . Para os que seguirem esse caminho, está aberta a possibilidade de lutar contra a monotonia e a estagnação da vida cotidiana; e de chegar a uma vida mais rica, criativa e diversificada, realizando assim o velho ideal marxiano do comunismo.

---

<sup>6</sup> - Ver David Harvey, *Condição pós-moderna*, Ed. Loyola, SP, 1993; especialmente os capítulos da parte II , “A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX” .